## Minh'alma é triste Casimiro de Abreu

Enviado por:

Publicado em: 06/10/2007 20:40:00

Minh'alma é triste como a rola aflita Que o bosque acorda desde o alvor da aurora, E em doce arrulo que o soluço imita O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo, Minh'alma chora as ilusões perdidas, E no seu livro de fanado gozo Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa Seu pobre canto com a dor desmaia, E seus gemidos são iguais à queixa Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos Procura o brinco que levou-lhe o rio, Minha'alma quer ressuscitar nos cantos Um só dos lírios que murchou o estio.

Dizem que há, gozos nas mundanas galas, Mas eu não sei em que o prazer consiste. — Ou só no campo, ou no rumor das salas, Não sei porque — mas a minh'alma é triste!

Ш

Minh'alma é triste como a voz do sino Carpindo o morto sobre a laje fria; E doce e grave qual no templo um hino, Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas, Minh'ahna o segue n'amplidão dos mares; E longas horas acompanha as voltas Das andorinhas recortando os ares.

Às vezes, louca, num cismar perdida,

Minh'alma triste vai vagando à toa, Bem como a folha que do sul batida Bóia nas águas de gentil lagoa!

E como a rola que em sentida queixa O bosque acorda desde o albor da aurora, Minha'ahna em notas de chorosa endeixa Lamenta os sonhos que já tive outrora.

Dizem que há gozos no correr dos anos!... Só eu não sei em que o prazer consiste. — Pobre ludíbrio de cruéis enganos, Perdi os risos — a minh'alma é triste!

Ш

Minh'alma é triste como a flor que morre Pendida à beira do riacho ingrato; Nem beijos dá-lhe a viração que corre, Nem doce canto o sabiá do mato!

E como a flor que solitária pende Sem ter carícias no voar da brisa, Minh'alma murcha, mas ninguém entende Que a pobrezinha só de amor precisa!

Amei outrora com amor bem santo Os negros olhos de gentil donzela, Mas dessa fronte de sublime encanto Outro tirou a virginal capela.

Oh! quantas vezes a prendi nos braços! Que o diga e fale o laranjal florido! Se mão de ferro espedaçou dois laços Ambos choramos mas num só gemido!

Dizem que há gozos no viver d'amores, Só eu não sei em que o prazer consiste! — Eu vejo o mundo na estação das flores Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo Das arapongas no sertão deserto; E como o nauta sobre o mar sanhudo, Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afã da glória me atirei com ânsia...
E, perto ou longe, quis beijar a s'reia
Que em doce canto me atraiu na infância.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Ei-las já tão rasas!...
— Pombo selvagem, quis voar contente...
Feriu-me a bala no bater das asas!

Dizem que há gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— No amor, na glória, na mundana lida,
Foram-se as flores — a minh'alma é triste!

\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*